



**Pós-comunistas, ortodoxos e  
maoístas**

**1990**

*O problema do Estado está que ele, na procura da república maior, se situa entre a aldeia e a república universal, indo da Razão de Estado ao Estado-Razão*

(Subtítulos de uma dissertação de doutoramento discutida na Universidade Técnica de Lisboa em 16 de Novembro)

*O agiota, ou intrigante político, são tão naturalmente inocentes (ou tão naturalmente infames) como o chacal ou o milhafre. O que uns e outros são é desgraçados. Tristes é (mais ainda do que quem os sofre) quem os vê, os entende, e nem sequer lhe é dado odiá-los. Mas o Mundo é uma formosura, toda feita de asquerosidades*

(Antero Quental em carta dirigida a Faria e Maia em 1865)

• **Fim do comunismo?** Começa a primeira etapa da *União Económica e Monetária*, pela liberalização dos movimentos de capitais (1 de Julho) e conclui-se o processo de unificação alemã. Em Portugal, é publicado o tomo I do livro I de *Das Kapital*, de Karl Marx, *Crítica da Economia Política*, com uma rigorosa tradução de José Barata Moura, numa edição conjunta das Edições Avante e da Editorial Progresso de Moscovo. Por ironia do destino, a primeira versão directa de tal obra acontece no ano I do *fim do comunismo*, remetendo para o domínio da arqueologia filosófica, aquilo que nunca precisou deste sustento para ser uma ideologia de sucesso. O ano de 1990 é, de facto, o ano da ascensão de Boris Ieltsine. Depois de em Janeiro ter surgido o movimento *Rússia Democrática* (Janeiro) e de, no dia 4 de Fevereiro, meio milhão de pessoas se manifestarem em Moscovo a seu favor, decorrem as eleições na Federação da Rússia (4 de Março), não tardando que o mesmo Ieltsine venha a ser eleito presidente do respectivo Parlamento (20 de Maio), adquirindo a legitimidade democrática que faltava a Gorbatchov. Pouco depois de a mesma Federação se assumir como entidade soberana (12 de Junho), eis que Ieltsine abandona formalmente o Partido Comunista da Rússia, na mesma altura em que o movimento *Rússia Democrática* se transforma no *Partido Democrático da Federação Russa* (21 de Junho). Entretanto, a Lituânia declara-se independente, sem reconhecimento da URSS (11 de Março). No plano das relações entre as superpotências, se, em 30 de Maio, Bush e Gorbatchov assinam em Washington acordo de desarmamento químico e fazem mais uma cimeira em Helsínquia no dia 9 de Setembro, três dias depois, surge o Tratado de Moscovo sobre a reunificação alemã, subscrito pelas quatro potências vencedoras da Segunda Guerra Mundial e pelas duas Alemanhas. E cinquenta anos depois, Moscovo reconhece finalmente a autoria do massacre de Katyn, onde foram chacinados 15 soldados e oficiais polacos, enquanto Carlos Carvalhas se torna adjunto de Álvaro Cunhal e o ex-comunista Iliescu vence as eleições na Roménia e Lech Walesa é eleito presidente da Polónia.

● **O fim da ilusão terceiromundista** e a quebra do mundo bipolar produzem também profundas alterações na política interna de vários países africanos. Na República da África do Sul, para além do apoio à independência da Namíbia (21 de Março), registre-se a libertação de Nelson Mandela (11 de Fevereiro). Contudo, a vaga mais importante é o desaparecimento formal dos regimes de partido único que sucedem em catadupa: no Zaire (24 de Abril), na Costa do Marfim (3 de Maio), no Gabão (23 de Maio), no Congo (30 de Setembro), em Moçambique (2 de Novembro), nos Camarões (5 de Dezembro), em Angola (10 de Dezembro) e na Zâmbia (17 de Dezembro), num flagrante aumento da quantidade das formais democracias pluralistas, mas a que não corresponde paralela consolidação qualitativa. Já na América Latina, vê-se Violeta Chamorro ser eleita Presidente da Nicarágua, com derrota dos sandinistas (25 de Fevereiro). Na Ásia chega também o tempo da fusão do Iémen do Norte e do Iémen do Sul (22 de Maio). Contudo, nesta região acontece o primeiro desafio às esperanças de uma nova ordem mundial mais justa, quando, a 2 de Agosto, o Iraque de Sadam Hussein invade o Kuwait, situação imediatamente condenada pela maioria da comunidade internacional, levando o Conselho de Segurança da ONU a autorizar uso da força contra o Iraque (29 de Novembro).

● **Pós-modernidade e despolitização** – No plano das ideias, no ano da morte de Louis Althusser e de Michael Oakeshott, Nicholas Tenzer teme a *sociedade despolitizada*, Anthony Giddens analisa as *consequências da modernidade*, Ernest B. Haas reconhece que *knowledge is power* e Alvin Toffler proclama a existência de *novos poderes*, quando se pensa na *invenção da Europa* (Emmanuel Todd) sob o signo do *declínio dos impérios* (Bozzo) e se vai complexificando o chamado *princípio da subsidiariedade*. Vive-se cada vez mais uma *turbulence in world politics* (James N. Rosenau) e a *cosmopolis* transforma-se na agenda escondida da modernidade (Stephen Toulmin). Entre nós, destaque para as dissertações de doutoramento de Políbio Valente de Almeida, *Do Poder do Pequeno Estado* e de António Ribeiro dos Santos, *A Imagem do Poder no Constitucionalismo Português*, e para Amadeu Carvalho Homem, com *A Propaganda Republicana (1870-1910)*. No ano em que são abolidas as taxas de televisão (8 de Fevereiro), Agustina Bessa Luís é nomeada directora do Teatro Nacional de D. Maria II, por influência de Pedro Santana Lopes (12 de Novembro), é assinado projecto de acordo ortográfico (16 de Dezembro) e governo apresenta projecto de concurso para a atribuição de dois canais privados de televisão.

● **Novos autarcas** – Jorge Sampaio toma posse como presidente da Câmara Municipal de Lisboa (22 de Janeiro) e Fernando Gomes no Porto (23).

● **Maçonaria** – Esboça-se a constituição de uma nova obediência maçónica, dissidente do Grande Oriente Lusitano. Liderada pelo médico Fernando Teixeira, vai dar origem à chamada Grande Loja Regular de Portugal, onde também serão grão-mestres Nandim de Carvalho e José Anes, contando-se entre os militantes nomes como os de Nuno Nazareth Fernandes, Anselmo Rodrigues e José Braga Gonçalves. Entretanto, Ramon Machado la Feria é eleito grão-mestre do Grande Oriente Lusitano (até 1993), sucedendo a Raul Rego.

● **Comunistas lusitanos** – Carlos Carvalhas é eleito secretário-geral adjunto do PCP (20 de Maio), dá-se o encerramento do matutino

comunista *O Diário* (13 de Junho) e surge uma dissidência no partido satélite de *Os Verdes*, acusando este de ser *uma manipulação genética do PCP* (6 de Dezembro). Encabeça o processo Maria Santos que há-de tornar-se deputada do PS.

● **Jornais, os novos e os que fecham** – Encerramento do matutino de influência comunista, *O Diário* (13 de Junho), subsidiado pelo Bloco Leste. Surge o diário *Público* (5 de Março), dirigido por Vicente Jorge Silva e com capitais de Belmiro de Azevedo. Suspensa a publicação do *Diário de Lisboa* e do semanário *O Tempo* (30 de Novembro).

● **Eanistas** – Hermínio Martinho demite-se da liderança do PRD (17 de Janeiro). O próprio Eanes vai demitir-se do partido em 15 de Junho.

●**Turbulências e escândalos** – Protesto de agricultores no Centro do país, com cortes de estradas (3 de Setembro). Carlos Melancia demite-se de governador de Macau (27 de Setembro). Prisão de Costa Freire, indiciado por crime de burla (28 de Setembro).

●**Defesa nacional** – No ano em que Portugal se torna membro da UEO (27 de Março) há também uma redução em 12% dos quadros permanentes das forças armadas e a 11 de Novembro o governo apresenta projecto que

reduz o serviço militar obrigatório para quatro meses

●**Reformados e Manuel Sérgio** – 1º Congresso do Partido da Solidariedade Nacional (PSN), um partido dito de causas que mobiliza especialmente os reformados e aposentados. Eleito como presidente o Professor Manuel Sérgio, especialista em filosofia desportiva, da Universidade Técnica de Lisboa e que se tornará conhecido pelas palavras de ordem que lança em defesa da *pós-modernidade* (15 de Dezembro).

☞ Quental, Antero de (*Textos Doutrinários*): 241. Obtivemos o grau de doutor em Ciência Sociais, na especialidade de Ciência Política pela Universidade Técnica de Lisboa – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (provas concluídas em 16 de Novembro de 1990). Publicámos: *A Estratégia do PCP na Reforma Agrária (1974-1976)*, Lisboa, Associação para o Desenvolvimento e a Cooperação Social, 1990; *As Raízes e o Destino da Cultura Portuguesa*, comunicação apresentada à Academia em 22 de Novembro de 1990, Lisboa, separata do *Boletim da Academia Internacional da Cultura Portuguesa*, nº 17, 1990 (pp. 89-106);

●**A tirania do status quo** – Em Portugal continua a tirania do *status quo*. Com efeito, apesar de tantas promessas de mudança, proclamadas pelas utopias revolucionárias e pelos pragmatismos pós-revolucionários, Portugal não está a mudar substancialmente. Escavacam-se muitas fachadas, mudam de nome muitas instituições, mas acabamos por regressar à fechadura do círculo da eterna revolução. Porque as revoluções são como os *boomerangs*: tentam alcançar a presa distante, mas, quando mal arremessados, acabam por voltar ao ponto de partida, podendo até ameaçar a cabeça do lançador. Em Portugal, todos disseram querer mudar. O PS, por exemplo, disse que não havia *liberdade sem pão*, nem *pão sem liberdade*, mas acabou por ter que gerir a herança da loucura gonalvista e foi obrigado a *meter o socialismo na gaveta*. Ficou-se, felizmente, pela *liberdade* e atirou a *igualdade* para os *impossíveis amanhã*s. A Aliança Democrática foi outro sonho de mudança que acabou por saber a *sol de pouca dura*. Foi PSD mais CDS, mais PPM, mais independentes de direita, mais a esquerda heterodoxa de Natália Correia, António Barreto e outros mais. Acabou usurpada pelo monopartidarismo da onda laranja e transformou-se, depois, no situacionismo cavaquista. Não admira que o homem comum português se assemelhe às lapas que vivem agarradas aos rochedos da beira-mar e que dependem do oxigénio que o vaivém das marés lhes vai trazendo. Com efeito, depois de quarenta e oito anos de um certo *viver habitualmente*, em que se encasulou o regime derrubado em 1974, a revolução que se lhe seguiu apenas levou a que se reforçasse a tal *tiranía do status quo*, agravando as anteriores tendências lapenses de quem gosta de mariscar. A lei das rendas do arquitecto Nuno Portas, que veio perpetuar o anterior congelamento republicano-salazarista das economias de guerra, transformou as casas arrendadas das nossas cidades, vilas e aldeias em algo de comparável a agradáveis prisões domiciliárias. A lei do contrato de trabalho, por seu lado, volveu postos que deviam ser de trabalho em *postos de vencimento*, transformando o emprego em subemprego e gerando, paradoxalmente, os injustos contratos a prazo, sem permitir promoções pelo mérito nem rejuvenescimento dos activos. O português, assim lapidizado, deixou de poder mudar de casa e de emprego e ficou até sem a alternativa da emigração, do salto para a Europa, com ou sem *mala de cartão*, ou da partida para as *áfricas* e os *brasis* dos *bandeirantes* e dos *sertões*, onde até os *zês do telhado* se podiam regenerar. Ficámos tão curtos de horizonte que, durante mais de uma década, até fomos rigorosamente tutelados por uma constituição cheia de rígidas *conquistas irreversíveis* que tão-só beneficiaram os direitos adquiridos de certos grupos de uma determinada geração, mas não a dinâmica do futuro. Vendo passar ao largo os *ventos da história* do neo-liberalismo e da *perestroika*, contentamo-nos com a hipocrisia de uma social-democracia que é liberal, de um centrismo que é da *hard right* e de

uma esquerda revolucionária perfeitamente conservadora de uma forma política que nunca correspondeu ao conteúdo. E o país do PREC é, num ápice, dominado pela vaga do *jet set* e dos *yuppies*, onde falsos aristocratas do antigamente passam a jogar ao *bridge* como os novos-ricos da especulação bolsista ou dos buracos dos subsídios estaduais.

